

## PESSOAS SÓS: MÚLTIPLAS REALIDADES

*Maria das Dores Guerreiro*

Resumo O presente artigo centra-se no estudo das pessoas sós residentes em Portugal. Com base nos dados dos censos de 2001 e de 1991, é feita uma análise da evolução das unidades domésticas de mono-residentes, estabelecem-se comparações a nível europeu e identifica-se a pluralidade de perfis sociais da população que as constitui, bem como a respectiva distribuição geográfica. O artigo dá também conta das principais tendências de crescimento dos vários perfis identificados, avançando com algumas hipóteses para a compreensão sociológica desta realidade multifacetada.

Palavras-chave Mono-residencialidade, família, dinâmicas familiares, mudança.

Quando se fala da emergência de novas formas familiares nas sociedades de modernidade avançada, é usual referir o crescimento das unidades residenciais de pessoas sós, como resultado das mudanças sociais ocorridas na esfera privada. A valorização das identidades pessoais e da autonomia dos indivíduos relativamente às estruturas sociais é vista por alguns autores como associada à perda de importância da instituição familiar e do que ela tem representado, em termos de coesão, para o grupo de parentesco.

Libertos de obrigações e solidariedades para com a família, os indivíduos fazem escolhas menos condicionadas, optam por outros estilos de vida, por novos modos de viver os afectos, os quais se reflectem, nomeadamente, nas formas de residência. Viver só ou com outras pessoas que não façam parte dos respectivos laços de parentesco torna-se, na perspectiva de autores como Beck (1992), uma modalidade típica decorrente da modernidade, de uma sociedade em que predominam as leis do mercado e os imperativos de mobilidade profissional. A importância atribuída à carreira, a prioridade que a profissão representa, contribuem para pôr de lado o assumir de responsabilidades conjugais e parentais.

Para Giddens (1994) o avanço da modernidade traz consigo alterações nas instituições da família e do casamento, ligando-se directamente à transformação da intimidade no contexto da vida quotidiana. As relações pessoais e íntimas podem adquirir contornos não existentes em quadros institucionais tradicionais, e dão azo a que tenda a ser cada vez maior o número de pessoas a viverem sozinhas (Giddens, 2000). Não apenas viveriam sós aqueles que entraram em ruptura conjugal e não voltaram a coabitar, como outros, geralmente jovens, que no processo de transição para a vida adulta se autonomizaram da família de origem sem optarem, pelo menos momentaneamente, pela via da conjugalidade (Galland, 1995; Kaufmann, 2000).

Mas as situações de isolamento residencial não significam forçosamente

ausência de relações amorosas, como alguns trabalhos têm recentemente demonstrado, ao identificarem uma nova forma familiar: a dos casais *LAT*,<sup>1</sup> que vivem em casas separadas (Levin e Trost, 1999). Do mesmo modo, a co-residência pode não significar vida em casal, escapando contudo à inclusão na categoria “pessoas sós”, como refere Kaufmann (2000), ao analisar o fenómeno, em seu entender crescente, da “vida a solo”.

A existência de pessoas sós pode decorrer, ainda, de uma outra dinâmica, relacionada com o aumento da longevidade e consequente envelhecimento populacional. Vivendo-se mais tempo, os percursos biográficos dos indivíduos podem culminar numa vida a sós, se a uma anterior vivência conjugal mais ou menos prolongada, na grande maioria das vezes acompanhada da experiência da parentalidade e posteriormente da fase do “ninho vazio” (Roussel, 1976), suceder a morte do cônjuge e consequente situação de viuvez (Segalen, 1999; Saraceno, 2003). Com efeito, as estatísticas que vão sendo produzidas sobre a população nos diferentes países, sobretudo naqueles mais industrializados, mostram que no conjunto das pessoas sós se inscreve um número significativo de idosos.

Os dados dos recenseamentos populacionais respeitantes às famílias unipessoais não espelham senão realidades momentâneas, sem dar directamente conta de processos e trajectos sociais. Requerem por isso análise detalhada, na medida em que recobrem situações e percursos familiares e individuais tão díspares quanto o são, designadamente, e em traços ideal-típicos, os das novas gerações em transição para a vida adulta, que ainda não iniciaram um processo de coabitação, os dos adultos que por opção, ou não, permaneceram sós e que, podendo já ter vivido em casal, passaram por situações de ruptura conjugal, ou os dos idosos que enviuvaram. A maior preponderância de uns ou de outros no conjunto das pessoas sós, numa determinada sociedade, será reveladora das dinâmicas familiares e sociais que a atravessam e caracterizam.

Qual é, então, a este respeito o panorama da sociedade portuguesa? Como têm evoluído no nosso país as unidades domésticas de pessoas sós? Assiste-se ou não ao seu crescimento, como acontece noutros países? Quais as faixas etárias onde as alterações são mais acentuadas e que perfis sociais representam? Que diferenças regionais são mais notórias e a que processos sociais correspondem? Este artigo procura dar resposta a algumas destas questões, a partir da análise dos dados dos recenseamentos de 2001, estabelecendo comparações com os de 1991, e também, sempre que venha a propósito, a nível europeu.

Uma primeira observação suscitada por estes dados diz respeito às situações agregadas sob a designação “famílias de uma só pessoa”, que tanto incluem as pessoas que habitam sozinhas num alojamento, como outras que, partilhando um mesmo alojamento, se considera terem vidas independentes (INE, 2002). Deste modo, é possível verificar que o número de unidades domésticas de pessoas sós é de 631.762 em 2001, numa proporção de 17,3% das “famílias clássicas”, segundo a terminologia do INE, enquanto os que efectivamente residem sozinhos são cerca

---

1 Em inglês *living apart together*.

**Quadro 1** Pessoas sós em 1991 e 2001 (valores absolutos e percentagem)

| Indicadores  | Ano     |        |
|--|---------|--------|
|  | 1991    | 2001   |
| Pessoas sós  | 428433  | 631762 |
| Pessoas sós no total da população residente                              | 4,4     | 6,1    |
| Homens sós   | 128551* | 218866 |
| Homens sós no total de homens  | 2,7     | 4,4    |
| Mulheres sós   | 300082* | 412893 |
| Mulheres sós no total de mulheres  | 6,0     | 7,8    |
| Homens sós no total de pessoas sós                                       | 30,0    | 34,6   |
| Mulheres sós no total de pessoas sós                                     | 70,0    | 65,4   |
| Pessoas sós no total da população residente em famílias clássicas        | 4,4     | 6,2    |
| Pessoas sós no total de famílias clássicas                               | 13,6    | 17,3   |
| • em alojamentos de uma pessoa   | 12,4    | 15,5   |
| • em alojamentos de várias pessoas                                       | 1,2     | 1,8    |
| Pessoas sós de 0-14 anos no total das pessoas sós                        | 0,1     | 0,0    |
| • homens sós de 0-14 anos no total das pessoas sós                       | -       | 0,0    |
| • mulheres sós de 0-14 anos no total das pessoas sós                     | -       | 0,0    |
| Pessoas sós de 15-29 anos no total das pessoas sós                       | 7,4     | 11,7   |
| • homens sós de 15-29 anos no total das pessoas sós                      | 3,8     | 6,1    |
| • mulheres sós de 15-29 anos no total das pessoas sós                    | 3,6     | 5,6    |
| Pessoas sós de 30-49 anos no total das pessoas sós                       | 13,4    | 18,4   |
| • homens sós de 30-49 anos no total das pessoas sós                      | 6,9     | 10,7   |
| • mulheres sós de 30-49 anos no total das pessoas sós                    | 6,5     | 7,7    |
| Pessoas sós de 50-64 anos no total das pessoas sós                       | 23,3    | 19,0   |
| • homens sós de 50-64 anos no total das pessoas sós                      | 7,1     | 6,5    |
| • mulheres sós de 50-64 anos no total das pessoas sós                    | 16,3    | 12,5   |
| Pessoas sós de 65 e mais anos no total das pessoas sós                   | 55,7    | 50,9   |
| • homens sós de 65 e mais anos no total das pessoas sós                  | 12,2    | 11,3   |
| • mulheres sós de 65 e mais anos no total das pessoas sós                | 43,5    | 39,5   |
| Pessoas sós de 0-14 anos no total de pessoas dessa faixa etária          | 0,0     | 0,0    |
| • homens sós de 0-14 anos no total de homens dessa faixa etária          | -       | 0,0    |
| • mulheres sós de 0-14 anos no total de mulheres dessa faixa etária      | -       | 0,0    |
| Pessoas sós de 15-29 anos no total de pessoas dessa faixa etária         | 1,4     | 3,2    |
| • homens sós de 15-29 anos no total de homens dessa faixa etária         | 1,4     | 3,4    |
| • mulheres sós de 15-29 anos no total de mulheres dessa faixa etária     | 1,3     | 3,1    |
| Pessoas sós de 30-49 anos no total de pessoas dessa faixa etária         | 2,2     | 4,0    |
| • homens sós de 30-49 anos no total de homens dessa faixa etária         | 2,4     | 4,7    |
| • mulheres sós de 30-49 anos no total de mulheres dessa faixa etária     | 2,1     | 3,3    |
| Pessoas sós de 50-64 anos no total de pessoas dessa faixa etária         | 6,1     | 6,8    |
| • homens sós de 50-64 anos no total de homens dessa faixa etária         | 3,9     | 4,9    |
| • mulheres sós de 50-64 anos no total de mulheres dessa faixa etária     | 8,0     | 8,5    |
| Pessoas sós de 65 e mais anos no total de pessoas dessa faixa etária     | 18,2    | 19,7   |
| • homens sós de 65 e mais anos no total de homens dessa faixa etária     | 9,6     | 10,4   |
| • mulheres sós de 65 e mais anos no total de mulheres dessa faixa etária | 24,4    | 26,5   |

Nota: \*estimativa.

Fonte: INE, Censos 1991 e 2001.

**Quadro 2** Unidades domésticas de uma só pessoa na UE, 2001 (percentagem das unidades domésticas)

| Bélgica | Alemanha | Grécia | Espanha | França | Itália | Luxemburgo | Holanda | Áustria | Portugal | R. Unido |
|---------|----------|--------|---------|--------|--------|------------|---------|---------|----------|----------|
| 30,2    | 35,7     | 23,4   | 14,7    | 31,4   | 25,3   | 29,3       | 32,0    | 31,1    | 14,6     | 29,9     |

Fonte: Eurostat, *Labour Force Survey*, 2002.

de 565.000, correspondendo a 15,5% dessas famílias (quadro 1). Co-residindo com outras pessoas, numa mesma unidade de alojamento, existem perto de 70.000 indivíduos, também incluídos no conjunto das pessoas sós. Na sua totalidade, as pessoas sós correspondem a 6,1% do total da população residente e a 6,2% da que reside nas chamadas famílias clássicas.

Uma segunda leitura que os dados dos censos proporcionam é a de que se verifica um aumento significativo nas unidades domésticas de pessoas sós, tanto em valores absolutos como em valores percentuais. Em 1991 as pessoas sós não ficavam além de 4,4% da população residente e dos 13,6% do total das famílias. Em 2001 registam-se, *grosso modo*, mais 200.000 novos casos destas unidades residenciais, representando um aumento na ordem dos 47%.

A comparação destes valores estatísticos com os de outros países da União Europeia mostra, por outro lado, que Portugal regista um dos contingentes mais baixos, se não mesmo o mais baixo, de pessoas sós (quadro 2).

Segundo o *Labour Force Survey* publicado pelo Eurostat (2002a), as pessoas sós representam à volta de 30% das unidades domésticas na maior parte dos países, com excepção para os da Europa do Sul, embora também aí seja Portugal a apresentar as percentagens mais modestas, relativamente à Grécia, Itália ou mesmo Espanha.<sup>2</sup>

Voltando ao quadro 1, constata-se haver um peso bastante diferenciado entre mulheres e homens. Com efeito as mulheres sós quase representam o dobro dos homens nesta condição (65,4% para 34,6%), embora se vislumbre uma ligeira tendência de atenuação desta disparidade, que era ainda mais acentuada em 1991, na ordem dos 70% de mulheres para 30% de homens.

Já atrás se referiu carecer a categoria “famílias de uma só pessoa” de significado sociológico preciso, na medida em que amalgama realidades muito distintas. A subdivisão deste universo por grupos de idades, de modo a dar realce às principais categorias etárias em que se separam as gerações — jovens, adultos e idosos —, constitui a estratégia analítica aqui adoptada para tornar sociologicamente mais perceptíveis tais realidades.

Ainda no quadro 1 pode ver-se, para 1991 e 2001, a distribuição das pessoas sós por quatro escalões etários que recobrem aquelas categorias geracionais: jovens, até aos 29 anos — faixa etária que, em moldes gerais, pode ser considerada

2 Note-se que se trata de informação recolhida pelo Eurostat junto de uma amostra da população, não sendo os valores apurados coincidentes com os do Censo 2001. No entanto, sendo os mesmos critérios de amostragem aplicados nos vários países, será válida a comparação.

como correspondendo à transição para a fase adulta; adultos, desdobrados em “adultos jovens”, dos 30 aos 49 anos, idades em que se tendem a consolidar inserções profissionais, situações familiares e estilos de vida, e em “adultos mais velhos”, dos 50 aos 64 anos, período que já reflecte o que foram trajectos percorridos, nas suas múltiplas dimensões; e finalmente o dos idosos, tendo-se aqui considerado a idade formal de saída da vida profissionalmente activa, fase esta que, como é sabido, tende a prolongar-se no tempo, arrolando cada vez um maior número de indivíduos.

## Jovens

A categoria dos que vivem sozinhos com 15 a 29 anos de idade é a menos representada no universo das unidades domésticas de mono-residentes, ficando aquém dos 12% do total de pessoas sós.<sup>3</sup> Correspondendo a 3% do total da população do país nesta faixa etária, apresenta uma diferença entre sexos pouco expressiva, embora com ligeiro pendor maioritário para o sexo masculino. São valores na realidade bastante baixos, inferiores à média da União Europeia (na ordem dos 15%), onde na maior parte dos países a proporção de jovens a viverem sozinhos é mais alta — à excepção dos países da Europa do Sul, nos quais Portugal se inclui (Eurostat, 2002b). Como vários estudos têm mostrado ser uma especificidade da Europa mediterrânica, os jovens tendem aí a permanecer com a família de origem até idades mais ou menos tardias (Cavalli e Galland, 1995; Cavalli, 1997; Roquero, 1997), saindo maioritariamente de casa dos pais para viverem em conjugalidade (Vasconcelos, 1998; Guerreiro e Abrantes, 2003). Noutras sociedades, e apesar de as gerações jovens fazerem a transição para a vida adulta através de processos cada vez menos lineares e mais prolongados no tempo, assiste-se com frequência à sua saída de casa dos pais em idades pouco avançadas, para se instalarem por sua conta, seja a viverem sozinhos ou com outras pessoas de idade próxima, parceiros conjugais ou amigos (Brannen e outros, 2002; Galland, 1995).

A comparação com os dados do censo de 1991 mostra, contudo, ter havido crescimento significativo neste tipo de unidades domésticas, como noutro artigo deste dossiê, sobre a evolução das estruturas domésticas, se evidencia (Aboim, 2003). Naquele ano, as pessoas sós jovens apenas correspondiam a pouco mais de 1% da população da respectiva faixa etária e representavam perto de 32.000 indivíduos. Reunindo actualmente mais de 74.000 pessoas, representam mais de 3% do respectivo grupo geracional, sintoma de que os processos de individualização se vão gradualmente afirmando, e que a autonomização de alguns jovens relativamente às famílias de onde provêm pode não passar, pelo menos num primeiro momento, pela conjugalidade.

---

3 A população dos 0 a 14 anos não será aqui objecto de análise porque, dada a pequena expressão das pessoas sós que comporta, não corresponde a valores estatisticamente analisáveis.

Mas a que perfil social correspondem estes jovens que vivem sós? Apesar de a passagem para a condição adulta já não se pautar por processos e fases lineares e sequenciais, a escolarização, a profissionalização e a adopção de uma determinada forma familiar — aqui entendida em sentido amplo, com ou sem conjugalidade, com ou sem parentalidade —, constituem dimensões fundamentais para caracterizar socialmente os indivíduos. Serão por isso aqui analisadas as variáveis nível de instrução, condição perante a actividade económica e estado civil (quadros 3, 4 e 5), de modo a permitir um maior conhecimento sociológico das diferentes realidades abrangidas pela categoria “famílias unipessoais”, neste ponto específico as dos jovens mono-residentes com idades inferiores a 30 anos, por comparação com a generalidade da população do país, de faixas etárias homólogas.

As pessoas sós jovens apresentam um padrão de escolaridade bastante elevado. Tanto na faixa dos 18-24 anos como na dos 25-29 anos são perto de metade (47,4% e 49,9%, respectivamente) aqueles que frequentam, frequentaram ou completaram o ensino superior, pouco menos de um quarto (23,9% e 23,3%) os que não progrediram além do ensino básico, e um pouco mais de um quarto (28,7% e 26,8%) os que se ficaram pelo ensino secundário.<sup>4</sup>

O conjunto da população residente do mesmo grupo de idades apresenta níveis de instrução inferiores. É de quase o dobro a ordem de grandeza que distingue a escolaridade superior dos jovens de 25-29 anos (49,9% para 26,9%), e de pouco menos de metade no tocante ao ensino básico (23,3% comparativamente com 45,2%). Entre os jovens de 18 a 24 anos a diferença é também muito acentuada a nível do ensino superior (47,4% para 28,2%), mais 19% nos jovens sós, mas mais reduzida a nível do ensino básico, porque um volume importante de população só jovem continua a manter também apenas a escolaridade obrigatória, indício provável de um conjunto de condições fragilizadas, nomeadamente dos pontos de vista familiar e escolar.

No que respeita ao nível de ensino secundário, os jovens sós e os jovens no total da população do país aproximam-se mais, sobretudo na faixa etária dos 25 aos 29 anos.

As diferenças entre os sexos são notórias, nos dois universos populacionais e em ambos os subgrupos etários. Entre os jovens sós, o contingente de raparigas com ensino superior ultrapassa largamente o dos rapazes (57,7% e 62,1%, no sexo feminino, para 37,0% e 39,4%, no masculino). Em contrapartida, na escolaridade de nível básico representam, apenas, cerca de metade dos rapazes (16,6% e 15,0%, para 31,4% e 30,4%, respectivamente), tal como são proporcionalmente menos do que eles com ensino secundário. Do mesmo modo, na população mais jovem do país são as raparigas quem apresenta maior escolarização, embora a distância percentual que as separa do sexo masculino, no ensino básico (29,3% para 41,8%) e no superior (34,1% para 22,5%), se fique pelos 12%.

---

4 A indisponibilidade de dados para certas variáveis em determinadas faixas etárias leva à utilização de diferentes agrupamentos de idades para as categorias mais jovens.

**Quadro 3** Nível de instrução atingido, condição perante a actividade económica e estado civil das pessoas sós jovens, por grupos etários e sexo, 2001 (percentagem)

| Indicadores                   | Grupos etários e sexo |      |      |            |      |      |            |      |      |
|-------------------------------|-----------------------|------|------|------------|------|------|------------|------|------|
|                               | 18-24 anos            |      |      | 25-29 anos |      |      |            |      |      |
|                               | H                     | M    | HM   | H          | M    | HM   |            |      |      |
| <i>Nível de instrução</i>     |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| Até ensino básico             |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 31,4                  | 16,6 | 23,9 | 30,4       | 15,0 | 23,3 |            |      |      |
| • total                       | 41,8                  | 29,3 | 35,6 | 49,6       | 40,7 | 45,2 |            |      |      |
| Ensino secundário             |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 31,7                  | 25,7 | 28,7 | 30,1       | 23,0 | 26,8 |            |      |      |
| • total                       | 35,7                  | 36,6 | 36,1 | 28,3       | 27,6 | 27,9 |            |      |      |
| Ensino superior               |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 37,0                  | 57,7 | 47,4 | 39,4       | 62,1 | 49,9 |            |      |      |
| • total                       | 22,5                  | 34,1 | 28,2 | 22,2       | 31,7 | 26,9 |            |      |      |
| <i>Condição p/ actividade</i> |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| Com actividade económica      |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 73,9                  | 60,3 | 67,1 | 92,9       | 91,0 | 92,0 |            |      |      |
| • total                       | 63,2                  | 54,7 | 59,0 | 91,9       | 85,0 | 88,5 |            |      |      |
| Sem actividade económica      |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| Estudantes                    |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 22,1                  | 34,5 | 28,3 | 3,6        | 4,6  | 4,1  |            |      |      |
| • total                       | 30,5                  | 37,2 | 33,8 | 3,3        | 3,5  | 3,4  |            |      |      |
| Domésticos                    |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 0,0                   | 0,3  | 0,2  | 0,1        | 0,2  | 0,1  |            |      |      |
| • total                       | 0,1                   | 3,5  | 1,7  | 0,0        | 6,8  | 3,4  |            |      |      |
| Reformados e outros           |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 4,0                   | 4,8  | 4,4  | 3,4        | 4,1  | 3,7  |            |      |      |
| • total                       | 6,2                   | 4,6  | 5,4  | 4,8        | 4,7  | 4,7  |            |      |      |
| <i>Estado civil</i>           |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
|                               | 15-19 anos            |      |      | 20-24 anos |      |      | 25-29 anos |      |      |
|                               | H                     | M    | HM   | H          | M    | HM   | H          | M    | HM   |
| Solteiros                     |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 97,4                  | 97,8 | 97,6 | 93,8       | 93,2 | 93,5 | 84,4       | 86,6 | 85,5 |
| • total                       | 98,8                  | 95,4 | 97,1 | 85,1       | 71,1 | 78,2 | 51,2       | 36,1 | 43,7 |
| Casados com registo           |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 1,6                   | 0,6  | 1,0  | 3,3        | 1,6  | 2,5  | 7,4        | 2,7  | 5,2  |
| • total                       | 0,5                   | 2,6  | 1,5  | 10,9       | 22,3 | 16,5 | 40,6       | 53,5 | 47,0 |
| Casados de facto              |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 0,5                   | 0,7  | 0,6  | 1,0        | 0,6  | 0,8  | 1,4        | 0,7  | 1,1  |
| • total                       | 0,7                   | 2,0  | 1,3  | 3,7        | 5,6  | 4,6  | 6,7        | 7,6  | 7,2  |
| Divorciados                   |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 0,3                   | 0,3  | 0,3  | 0,7        | 1,2  | 1,0  | 3,9        | 5,4  | 4,6  |
| • total                       | 0,0                   | 0,0  | 0,0  | 0,1        | 0,4  | 0,3  | 0,8        | 1,5  | 1,1  |
| Separados                     |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 0,1                   | 0,2  | 0,2  | 0,8        | 1,0  | 0,9  | 2,5        | 2,5  | 2,5  |
| • total                       | 0,0                   | 0,0  | 0,0  | 0,2        | 0,5  | 0,3  | 0,6        | 1,0  | 0,8  |
| Viúvos                        |                       |      |      |            |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                 | 0,1                   | 0,4  | 0,3  | 0,4        | 2,3  | 1,4  | 0,5        | 2,0  | 1,2  |
| • total                       | 0,0                   | 0,0  | 0,0  | 0,0        | 0,2  | 0,1  | 0,1        | 0,3  | 0,2  |

Fonte: INE, Censos 2001.

Estando em consonância com os resultados de muitos outros estudos sobre a escolarização de rapazes e raparigas, no que respeita aos jovens que vivem sozinhos, os dados parecem evidenciar ser a escolaridade prolongada potenciadora de estilos de vida alternativos e inovadores, particularmente para o sexo feminino, mas também muito claramente para o sexo masculino.

A condição perante a actividade económica configura-se igualmente como um factor determinante da maior ou menor individualização residencial dos jovens.<sup>5</sup> A grande maioria dos que vivem sozinhos exerce actividade profissional, o que vem reafirmar a importância de ter um emprego para prover os recursos necessários à manutenção de uma vida independente, seja ela uma opção ou um constrangimento. Mas é também no grupo dos jovens sós que se identificam mais estudantes, decorrendo nalguns casos esta forma residencial de se encontrarem deslocados das suas famílias de origem para estudarem noutras locais, longe da área de residência familiar. Em conjunto, os activos e estudantes perfazem cerca de 95% dos jovens sós, sendo em contrapartida residual o seu peso nas restantes condições de inactividade. É no grupo etário dos 18 aos 24 anos que o volume de estudantes é mais considerável (28%), enquanto mais de 90% dos jovens sós dos 25 aos 29 anos estão concentrados no exercício de uma actividade profissional.

Da comparação com a totalidade da população residente destas faixas etárias ressalta a evidência de que os jovens sós têm em geral uma presença mais acentuada no mercado de trabalho, apresentando algumas nuances quanto à condição de estudantes. No grupo dos 18 aos 24 anos há 67,1% de jovens sós com actividade profissional para 59% na população total. E mesmo no de 25 a 29 anos a diferença ainda é significativa (88,5% para 92,0%). Efeito dessa maior participação profissional dos jovens sós, os estudantes com 18 a 24 anos mono-residentes estão sub-representados face ao total da população nessas idades. Já o mesmo não se verifica nos sós de 25 a 29 anos, com peso ligeiramente maior de estudantes relativamente à generalidade dos seus pares, o que pode corresponder a uma pequena franja de pessoas que, através de subsídios institucionais ou a cargo da família, mas sem com ela residirem, prolongam os seus estudos até níveis de qualificação elevados. De assinalar é ainda a quase inexistência de pessoas sós jovens na condição doméstica, apesar de tudo presente no conjunto da população do país destas idades.

A análise das diferenças entre rapazes e raparigas mostra haver no grupo dos que vivem sozinhos com 18 a 24 anos uma percentagem menor de raparigas activas, sendo maior o seu peso enquanto estudantes, resultado de um maior investimento do sexo feminino na escolarização. Por outro lado, entre os jovens sós mais velhos, nas idades em que normalmente já se conseguiu concluir o percurso escolar, a taxa de actividade feminina está praticamente equiparada à masculina, enquanto a das congéneres da totalidade do país fica um pouco aquém dos valores

---

5 Toda esta análise utiliza como indicador aquilo que nos censos representa a condição principal perante a actividade económica, podendo verificar-se a coexistência de situações, como a de estudantes-trabalhadores, importantes no universo dos jovens, que não ficam aqui retratadas.

atingidos por estas jovens, protagonistas de estilos de vida assentes na individualização e na autonomia residencial.

No quadro 3 pode ainda ver-se o estado civil da população jovem, aqui desdobrada em três categorias etárias. Da sua leitura ressalta desde logo a preponderância dos solteiros naquelas três categorias, ainda que se assista ao gradual mas ligeiro decréscimo dos respectivos valores percentuais, de 98% no grupo dos 15 aos 19 anos, para 86% no de 25 a 29 anos. No grupo dos 15 aos 19 anos, tanto os jovens sós como todos os do país apresentam idênticas percentagens de solteiros. Mas nas outras duas faixas etárias os jovens sós mantêm-se maioritariamente solteiros, enquanto o conjunto da população jovem do país se vai casando. Apresentam aqui o estatuto de casados apenas 5% dos jovens sós de 25 a 29 anos, quando a proporção de casados no total de jovens destas idades é de 47%.

Com valores poucos expressivos nas restantes categorias de estado civil, é apesar disso de assinalar o facto de haver ligeiras sobre-representações, entre os jovens sós, e sobretudo entre os mais velhos deles, de divorciados, separados e viúvos, o que mostra ser a dissolução do casamento, por divórcio ou morte de um dos cônjuges, a possível causa da sua residência individualizada. Enquanto principais diferenças entre sexos assinala-se a existência de cerca do dobro de jovens sós casados do sexo masculino, o que muito provavelmente indicia estar incluída neste grupo alguma componente de população imigrante deslocada dos seus agregados familiares.

## Adultos

As pessoas adultas que vivem sozinhas, com idades compreendidas entre os 30 e os 64 anos, representam 37% do total das pessoas sós e 11% do total da população da mesma faixa etária (quadro 1). Compreendendo este agrupamento um espectro largo de idades e abrangendo gerações das duas metades do século XX, certamente com experiências e percursos de vida distintos, procedeu-se ao seu desdobramento em dois subgrupos: de 30 a 49 anos e de 50 a 64 anos (quadro 4). O respectivo peso percentual no conjunto dos mono-residentes é basicamente semelhante, embora o escalão dos mais velhos abranja uma mais limitada faixa de idades. No total das respectivas coortes geracionais correspondem a 4% e 7%, evidenciando a relação directa existente entre pessoas sós e categorias populacionais mais envelhecidas (quadro 1).

Por comparação com 1991, as unidades mono-residenciais de adultos mais velhos tiveram um aumento de 6,1% para 6,8%, enquanto as de adultos jovens cresceram mais, de 2,2% para 4,0%, o que é sintomático da ocorrência de novas dinâmicas familiares e de autonomia residencial, protagonizadas sobretudo pelas gerações nascidas após a década de 1950.

A presença relativa dos sexos é desigual em ambos os grupos, sendo os homens preponderantes no subgrupo dos adultos jovens e as mulheres no dos adultos mais velhos, o que certamente aponta para causas e modos diferentes de

**Quadro 4** Nível de instrução atingido, condição perante a actividade económica e estado civil das pessoas sós adultas, por grupos etários e sexo, 2001 (percentagem)

| Indicadores                               | Grupos etários e sexo |      |      |            |      |      |
|---|-----------------------|------|------|------------|------|------|
|   | 30-49 anos            |      |      | 50-64 anos |      |      |
|   | H                     | M    | HM   | H          | M    | HM   |
| <i>Nível de instrução</i>                 |                       |      |      |            |      |      |
| <i>Até ensino básico</i>                  |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 51,6                  | 36,6 | 45,3 | 75,3       | 81,3 | 79,3 |
| • total                                   | 66,3                  | 64,8 | 65,6 | 81,0       | 85,9 | 83,6 |
| <i>Ensino secundário</i>                  |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 22,8                  | 21,1 | 22,1 | 9,6        | 7,1  | 8,0  |
| • total                                   | 20,3                  | 18,7 | 19,5 | 9,5        | 6,3  | 7,8  |
| <i>Ensino superior</i>                    |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 25,7                  | 42,3 | 32,6 | 15,1       | 11,6 | 12,8 |
| • total                                   | 13,4                  | 16,4 | 15,0 | 9,5        | 7,8  | 8,6  |
| <i>Condição per. actividade económica</i> |                       |      |      |            |      |      |
| <i>Com actividade económica</i>           |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 90,2                  | 89,6 | 90,0 | 57,6       | 44,2 | 48,8 |
| • total                                   | 93,1                  | 77,1 | 85,0 | 67,0       | 41,5 | 53,5 |
| <i>Sem actividade económica</i>           |                       |      |      |            |      |      |
| <i>Estudantes</i>                         |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 0,4                   | 0,5  | 0,5  | 0,1        | 0,1  | 0,1  |
| • total                                   | 0,2                   | 0,3  | 0,2  | 0,0        | 0,0  | 0,0  |
| <i>Domésticos</i>                         |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 0,1                   | 1,6  | 0,7  | 0,3        | 5,9  | 3,9  |
| • total                                   | 0,1                   | 16,1 | 8,2  | 0,2        | 27,1 | 14,4 |
| <i>Reformados e outros</i>                |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 9,3                   | 8,3  | 8,9  | 42,1       | 49,8 | 47,2 |
| • total                                   | 6,6                   | 6,6  | 6,6  | 32,8       | 31,4 | 32,1 |
| <i>Estado civil</i>                       |                       |      |      |            |      |      |
| <i>Solteiros</i>                          |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 55,3                  | 64,8 | 59,3 | 35,1       | 27,0 | 29,8 |
| • total                                   | 14,0                  | 10,3 | 12,1 | 4,1        | 6,3  | 5,2  |
| <i>Casados com registo</i>                |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 12,6                  | 4,1  | 9,0  | 11,5       | 4,3  | 6,8  |
| • total                                   | 75,6                  | 75,7 | 75,6 | 86,7       | 74,5 | 80,3 |
| <i>Casados de facto</i>                   |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 1,2                   | 0,7  | 1,0  | 0,7        | 0,2  | 0,4  |
| • total                                   | 6,5                   | 6,2  | 6,3  | 3,8        | 2,9  | 3,4  |
| <i>Divorciados</i>                        |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 21,6                  | 19,3 | 20,6 | 26,7       | 17,4 | 20,6 |
| • total                                   | 2,5                   | 4,4  | 3,5  | 2,4        | 4,0  | 3,3  |
| <i>Separados</i>                          |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 8,0                   | 4,4  | 6,5  | 9,0        | 3,8  | 5,6  |
| • total                                   | 1,0                   | 1,6  | 1,3  | 0,8        | 1,1  | 1,0  |
| <i>Viúvos</i>                             |                       |      |      |            |      |      |
| • pessoas sós                             | 1,4                   | 6,8  | 3,7  | 17,0       | 47,3 | 36,9 |
| • total                                   | 0,3                   | 2,0  | 1,2  | 2,2        | 11,1 | 6,9  |

Fonte: INE, Censos 2001.

viver só. Mas as tendências evolutivas apontam para o maior crescimento da proporção de homens em ambos os subgrupos, ainda que mais acentuadamente entre os adultos jovens.

Os adultos sós no seu conjunto apresentam níveis de instrução superiores aos dos seus pares do total do país, residentes nos vários tipos de famílias. Em análise mais detalhada verifica-se, porém, haver grande proximidade entre os padrões de escolaridade dos adultos sós mais velhos e respectivos pares no total da população do país, e, por outro lado, larga distância dos adultos jovens mono-residentes face à sua coorte geracional.

O nível de ensino superior mais do que duplica entre os adultos sós jovens (atingindo os 32,6%) relativamente à respectiva faixa etária (15,0%). Entre os adultos mais velhos a relação é de 12,8%, nos mono-residentes, para 8,6 %, nos da população total. No outro pólo dos níveis de instrução, e enquanto marca da estrutura da sociedade portuguesa, o ensino básico regista ainda presença significativa, tanto no conjunto da população, como em ambos os grupos de adultos sós.

Da comparação entre sexos ressalta o que foi a grande mudança protagonizada pelas mulheres a partir de meados do século XX e que as reposicionou socialmente. O campo da educação é dos que melhor reflecte tais mudanças, e os dados do quadro 4 são disso evidência. Na geração da primeira metade do século assiste-se a um menor peso da escolaridade superior das mulheres, estando sobre-representadas nos níveis mais baixos de ensino. Em contrapartida são elas quem detém escolaridades mais elevadas entre os adultos jovens, nascidos depois de 1950. Especificamente no que respeita às pessoas adultas jovens que vivem sós, a preponderância da maior escolaridade feminina é notável (42,3%, para 25,7% nos homens sós, e para 16,4% no total de mulheres deste escalão etário), facto que vem reforçar a importância da educação nos processos de autonomização residencial, sobretudo das mulheres, conforme já se havia observado no ponto anterior.

A análise da condição perante a actividade económica vem reafirmar a importância de subdividir o universo dos adultos mono-residentes. Na verdade ambos os grupos espelham realidades distintas na relação com o exercício de uma actividade, embora acompanhando de perto os seus homólogos etários. Os adultos sós jovens inscrevem-se na faixa etária da população activa por excelência, aquela que atinge as mais elevadas taxas de actividade profissional, na ordem dos 90%, tal como acontecia com o grupo dos jovens de 25 a 29 anos. As categorias de estudantes e domésticos apresentam entre os adultos sós jovens o seu maior esvaziamento no total das pessoas sós, concentrando-se os restantes 8,9% na categoria dos reformados e incapacitados para o trabalho. Quer isto dizer que a população desta faixa etária que vive só está essencialmente mobilizada para o desempenho profissional, apenas assim não sendo para eventuais franjas detentoras de problemas que o impeçam, as quais se começam a vislumbrar neste grupo de idades e de situação residencial. Tanto as mulheres como os homens sós apresentam aqui padrões idênticos na sua condição perante a actividade, sendo de salientar que as mulheres se destacam significativamente — pela quase ausência na categoria de domésticas — das suas homólogas do total da população residente, onde aquela categoria vê engrossar o seu contingente.

Os adultos sós mais velhos, por seu lado, pertencem à geração que

acompanhou a transição da sociedade portuguesa para a modernidade e a industrialização, e que além disso viveu o período da guerra colonial e dos grandes fluxos emigratórios ocorridos em Portugal a partir da década de 1960. Estão inscritos numa categoria de população activa que nos últimos anos passou a ser em grande medida encarada pelos empregadores como fazendo parte de um segmento da força de trabalho obsoleto e excedentário, dadas as mudanças tecnológicas e consequentes novos saberes que caracterizam a chamada sociedade do conhecimento. As reformas antecipadas e as doenças profissionais são por isso factores associados a esta geração. Mais ainda do que os seus pares na população total, os mono-residentes deste grupo etário parecem reflectir essas realidades. Com efeito, apresentam um peso proporcionalmente inferior de activos e superior de “reformados e outros”, como se a condição de isolamento residencial e familiar, a partir de um determinado limiar de idade, traduzisse vulnerabilidades, acentuasse fenómenos de doença, desinserção profissional e incapacidade para o exercício de actividades profissionais.

O estado civil dos adultos sós evidencia a predominância, no grupo dos mais velhos, de pessoas viúvas (36,9%), mas também importante volume de solteiros (29,8%) e de divorciados e separados (26,2%). No grupo dos adultos sós mais novos lidera a proporção de solteiros (59,3%) e a de divorciados e separados (27,1%). O peso destas categorias, em ambos os grupos etários, afasta-se largamente do padrão da população homóloga residente, que se concentra nos casados. Embora com reduzida expressão, vale a pena salientar a existência de pessoas casadas, maioritariamente homens, entre estes mono-residentes adultos, que pode também ser interpretada como tratando-se de populações imigrantes deslocadas dos seus agregados familiares, ou ainda, numa versão mais em consonância com as teses sobre a modernidade, de casais que vivem separados (*LAT*). Entre os indivíduos sós de 50 a 64 anos sobreleva-se a grande percentagem de mulheres viúvas (47%) para apenas 17% de homens, o que desequilibra o peso do sexo feminino nas categorias “solteiro”, “divorciado” e “separado”, embora se trate de contingentes numéricos não desprezáveis.

Por outro lado, entre os adultos mais novos que vivem sozinhos as mulheres solteiras destacam-se percentualmente (65% de mulheres para 55% de homens), tal como os homens divorciados e separados (30% de homens para 24% de mulheres). As ilações a serem daqui retiradas são as de que para mais de metade dos adultos mais velhos mono-residentes a autonomia residencial não foi a primeira opção que fizeram para as suas vidas, antes sendo a resultante de trajectórias conjugais interrompidas por morte do companheiro ou por ruptura.

Além disso nada garante ter sido o celibato uma condição voluntariamente assumida para todos aqueles incluídos no contingente dos solteiros, podendo para alguns significar a existência de dificuldades em se apresentarem no mercado matrimonial. Já entre os adultos sós mais jovens, em idade de casar, é razoável admitir que a maioria decidiu protelar a entrada na conjugalidade, optando, pelo menos temporariamente, por um estilo de vida alternativo e de maior independência, porventura mais em consonância com o investimento que aparentam fazer na vida profissional. Em todo o caso, a relativamente elevada

proporção de divorciados e separados indicia haver, também neste grupo, uma perspectiva moderna e flexível sobre o casamento e sobre as condições da sua perdurabilidade.

## **Idosos**

São os indivíduos com idades acima dos 65 anos quem mais peso tem (51%) no conjunto das unidades domésticas de um só residente, representando 20% da respectiva faixa etária (quadro 1). Resultado da sobremortalidade masculina (Rosa e Vieira, 2003), verifica-se que o contingente de idosos sós é esmagadoramente constituído por mulheres, idosas sós estas que representam 39,5% do total das pessoas sós e 26,5% do total das mulheres destas idades. A desagregação deste grupo em idosos dos 65 aos 74 anos e em muito idosos, com 75 anos ou mais, mostra reunir o segundo grupo um maior número de pessoas, em consequência da actual maior longevidade da população, o qual corresponde a 52,3% dos idosos sós. Relativamente a 1991, o peso proporcional dos idosos sós no total das pessoas sós apresenta-se um pouco atenuado, apesar do crescimento da sua expressão numérica, actualmente na ordem dos 320.000 indivíduos. Isto quer dizer que as pessoas sós mais novas, sendo embora num muito mais reduzido número, cresceram proporcionalmente mais.

Da análise do quadro 5, no que respeita ao nível de instrução das pessoas sós idosas, ressalta desde logo estar-se perante o conjunto de mono-residentes cujo perfil de escolaridade mais se assemelha ao dos seus pares na população total do país. Trata-se, com efeito, de uma população com um padrão muitíssimo baixo de escolaridade, progressivamente acentuado com o avanço da idade. Estando aqui incluída significativa porção de não escolarizados, mais de 90% dos indivíduos não foi além do ensino básico. O ensino secundário e o superior têm expressão muito reduzida. No que toca às diferenças entre sexos, elas são mais desfavoráveis para as mulheres, pertencentes a gerações em que eram arredadas da frequência da escola e basicamente confinadas ao espaço doméstico e dos saberes não formais.

O mesmo quadro, no que concerne à condição perante a actividade económica, permite perceber que há nos mono-residentes, face ao total de idosos, uma ainda mais ténue ligação com o mercado de trabalho, principalmente no que toca às mulheres, e que esta se torna praticamente inexistente no grupo dos muito idosos. Há também entre a população só idosa uma quase inexistência de pessoas domésticas. Ganha, assim, proeminência a categoria dos reformados e outros tipos de pensionistas, cujos contingentes são um pouco superiores aos dos idosos que não vivem sozinhos, sobretudo no grupo dos 65 aos 74 anos. A hipótese de que os idosos que vivem em famílias unipessoais poderão constituir uma categoria de indivíduos ainda mais fragilizados que os seus congéneres da população do país, vivendo nos diferentes tipos de família poderá, aqui, ser levantada.

Consideradas no seu conjunto, as pessoas idosas sós são maioritariamente

**Quadro 5** Nível de instrução atingido, condição perante a actividade económica e estado civil das pessoas sós idosas, por grupos etários e sexo, 2001 (percentagem)

| Indicadores                               | Grupos etários e sexo |      |      |                |      |      |
|---|-----------------------|------|------|----------------|------|------|
|   | 65-74 anos            |      |      | 75 e mais anos |      |      |
|   | H                     | M    | HM   | H              | M    | HM   |
| <i>Nível de instrução</i>                 |                       |      |      |                |      |      |
| <i>Até ensino básico</i>                  |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 87,4                  | 91,5 | 90,6 | 90,9           | 94,0 | 93,3 |
| • total                                   | 88,4                  | 92,7 | 90,8 | 90,3           | 94,9 | 93,1 |
| <i>Ensino secundário</i>                  |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 5,2                   | 3,5  | 3,9  | 3,8            | 2,9  | 3,1  |
| • total                                   | 5,3                   | 3,3  | 4,2  | 4,1            | 2,6  | 3,2  |
| <i>Ensino superior</i>                    |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 7,4                   | 5,0  | 5,6  | 5,3            | 3,2  | 3,6  |
| • total                                   | 6,3                   | 4,0  | 5,0  | 5,6            | 2,6  | 3,7  |
| <i>Condição per. actividade económica</i> |                       |      |      |                |      |      |
| <i>Com actividade económica</i>           |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 10,5                  | 5,4  | 6,6  | 2,7            | 1,0  | 1,3  |
| • total                                   | 11,1                  | 5,2  | 7,8  | 2,8            | 1,1  | 1,8  |
| <i>Sem actividade económica</i>           |                       |      |      |                |      |      |
| <i>Estudantes</i>                         |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 0,0                   | 0,0  | 0,0  | 0,0            | 0,0  | 0,0  |
| • total                                   | 0,0                   | 0,0  | 0,0  | 0,0            | 0,0  | 0,0  |
| <i>Domésticos</i>                         |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 0,1                   | 1,4  | 1,1  | 0,0            | 0,9  | 0,7  |
| • total                                   | 0,1                   | 9,4  | 5,3  | 0,0            | 3,4  | 2,1  |
| <i>Reformados e outros</i>                |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 89,4                  | 93,1 | 92,3 | 97,2           | 98,1 | 97,9 |
| • total                                   | 88,8                  | 85,3 | 86,9 | 97,1           | 95,5 | 96,1 |
| <i>Estado civil</i>                       |                       |      |      |                |      |      |
| <i>Solteiros</i>                          |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 24,1                  | 15,7 | 17,6 | 11,1           | 11,3 | 11,3 |
| • total                                   | 3,7                   | 7,3  | 5,7  | 3,6            | 9,0  | 6,9  |
| <i>Casados com registo</i>                |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 8,1                   | 2,2  | 3,6  | 5,1            | 1,7  | 2,5  |
| • total                                   | 84,2                  | 57,5 | 69,4 | 70,3           | 29,6 | 45,4 |
| <i>Casados sem registo</i>                |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 0,3                   | 0,1  | 0,1  | 0,2            | 0,1  | 0,1  |
| • total                                   | 2,6                   | 1,8  | 2,2  | 2,2            | 1,1  | 1,5  |
| <i>Divorciados</i>                        |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 10,3                  | 6,0  | 7,0  | 2,9            | 2,3  | 2,4  |
| • total                                   | 1,3                   | 2,3  | 1,8  | 0,8            | 1,6  | 1,3  |
| <i>Separados</i>                          |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 5,2                   | 1,7  | 2,5  | 2,1            | 0,6  | 0,9  |
| • total                                   | 0,6                   | 0,7  | 0,7  | 0,5            | 0,5  | 0,5  |
| <i>Viúvos</i>                             |                       |      |      |                |      |      |
| • pessoas sós                             | 52,0                  | 74,3 | 69,2 | 78,6           | 84,0 | 82,8 |
| • total                                   | 7,6                   | 30,3 | 20,2 | 22,7           | 58,3 | 44,4 |

Fonte: INE, Censos 2001.

viúvas (76,3%) e solteiras (14,3%), mas também divorciadas/separadas (6,3%), enquanto na população do país das mesmas idades continuam a prevalecer as pessoas casadas. A análise desagregada dos dois grupos etários revela um maior

peso de solteiros e divorciados nos idosos sós de 65 a 74 anos, mais elevada ainda no sexo masculino, 24,1% de solteiros e 15,5% de divorciados/separados, valores estes que se esbatem no grupo dos muito idosos, estando aí a situação de viuvez (82,8%) ainda mais instalada (quadro 5).

Contrariamente ao que acontece nas faixas etárias mais jovens, onde vários estudos apontam para a existência de novas dinâmicas de autonomia pessoal, novas perspectivas sobre a família e a conjugalidade, das quais decorrem os processos de individualização residencial, segundo os dados analisados, o isolamento dos idosos, em particular dos muito idosos, decorre principalmente do culminar de um trajecto familiar e conjugal, em que numa fase avançada da idade a morte atinge um dos cônjuges. Mas há igualmente que relevar o fenómeno do celibato, que nestas gerações era pouco encarado como opção e mais como uma contingência, bem como o das rupturas conjugais, também sinalizadas nestas faixas etárias, independentemente do modo como foram vividas. Em todo o caso, a integração de pessoas idosas nos agregados domésticos dos filhos adultos ou de outros parentes parece estar a ocorrer cada vez menos (Aboim, 2003; Vasconcelos, 2003), sintoma de que tanto os próprios idosos como os seus familiares perspectivam de outro modo a sua privacidade e autonomia pessoal, de que as transformações no domínio da intimidade estão a ser cada vez mais transversalizadas, gerando efeitos com repercussão nas várias esferas do social e nas diferentes gerações.

### **Distribuição regional**

No quadro 6 pode ver-se de que modo as pessoas sós dos diferentes grupos etários se distribuem geograficamente, a nível de NUT III. Em primeiro lugar, sobressai o grande peso dos idosos sós na generalidade das regiões, resultado do fenómeno de despovoamento que ocorreu no interior do país, por um lado, e do processo generalizado de envelhecimento da população, instalado em praticamente todo o território nacional. O Norte Litoral e as ilhas são duas excepções relativas a este cenário. Em segundo lugar, verifica-se que o mesmo se passa com os adultos sós mais velhos, o que sugere a continuidade dos processos causadores do isolamento residencial nas gerações idosas.

Por outro lado, é possível identificar um pequeno conjunto de regiões onde os jovens sós e os adultos sós jovens têm uma maior presença. Correspondem essencialmente aos grandes centros urbanos do litoral, constituindo pólos dinâmicos propiciadores de emprego e de serviços educativos, mais permeáveis a novos quadros de valores e indutores de novas práticas: Grande Lisboa e Península de Setúbal, Algarve, Baixo Mondego, Pinhal Litoral e Grande Porto. Neste conjunto, porém, podem ainda distinguir-se os contextos sociogeográficos onde é concomitante o maior peso de mono-residentes de ambos os grupos etários, e aqueles onde apenas sobressai o dos jovens sós. No primeiro caso estão as regiões da Grande Lisboa, da Península de Setúbal e do Algarve, também caracterizadas

**Quadro 6** Pessoas sós por regiões NUT III e grupos etários, 2001 (percentagem)

| Regiões (NUT III)       | Idades     |            |           |                |
|-------------------------|------------|------------|-----------|----------------|
|                         | 15-29 anos | 30-49 anos | 50-64anos | 65 e mais anos |
| Portugal                | 3,2        | 4,0        | 6,8       | 19,7           |
| Norte                   | 2,0        | 2,5        | 5,5       | 16,8           |
| • Minho-Lima            | 1,4        | 2,3        | 6,4       | 16,6           |
| • Cávado                | 1,9        | 2,1        | 4,4       | 13,0           |
| • Ave                   | 0,9        | 1,3        | 4,0       | 13,3           |
| • Grande Porto          | 3,6        | 3,7        | 6,0       | 17,8           |
| • Tâmega                | 0,6        | 1,2        | 4,4       | 15,4           |
| • Entre Douro e Vouga   | 1,2        | 1,6        | 4,3       | 14,7           |
| • Douro                 | 1,6        | 2,6        | 7,1       | 21,8           |
| • Alto Trás-os-Montes   | 2,5        | 3,5        | 7,2       | 20,1           |
| Centro                  | 3,3        | 3,3        | 6,4       | 20,1           |
| • Baixo Vouga           | 2,4        | 2,8        | 5,4       | 16,2           |
| • Baixo Mondego         | 5,2        | 4,0        | 6,3       | 18,9           |
| • Pinhal Litoral        | 5,8        | 4,0        | 6,6       | 20,8           |
| • Pinhal Interior Norte | 1,8        | 2,7        | 7,0       | 22,3           |
| • Dão-Lafões            | 2,4        | 2,7        | 5,8       | 18,6           |
| • Pinhal Interior Sul   | 1,2        | 2,6        | 7,9       | 21,1           |
| • Serra da Estrela      | 1,6        | 2,9        | 6,9       | 22,6           |
| • Beira Interior Norte  | 3,1        | 3,4        | 7,9       | 23,9           |
| • Beira Interior Sul    | 3,1        | 3,6        | 7,4       | 23,6           |
| • Cova da Beira         | 1,4        | 2,9        | 7,1       | 23,9           |
| Lisboa e Vale do Tejo   | 4,7        | 5,9        | 8,1       | 21,8           |
| • Oeste                 | 2,7        | 3,8        | 6,6       | 20,8           |
| • Grande Lisboa         | 5,9        | 7,2        | 9,0       | 22,6           |
| • Península de Setúbal  | 3,8        | 5,0        | 7,0       | 19,9           |
| • Médio Tejo            | 2,4        | 3,4        | 6,9       | 22,0           |
| • Lezíria do Tejo       | 3,2        | 3,8        | 6,9       | 21,6           |
| Alentejo                | 2,4        | 3,7        | 7,6       | 22,5           |
| • Alentejo Litoral      | 2,2        | 4,6        | 8,9       | 22,6           |
| • Alto Alentejo         | 1,9        | 3,1        | 7,0       | 22,9           |
| • Alentejo Central      | 3,1        | 3,8        | 7,3       | 21,9           |
| • Baixo Alentejo        | 2,2        | 3,4        | 7,6       | 22,5           |
| Algarve                 | 5,4        | 6,2        | 8,3       | 20,0           |
| Açores                  | 2,1        | 2,9        | 5,8       | 16,3           |
| Madeira                 | 1,3        | 2,7        | 6,5       | 16,3           |

Fonte: INE, Censos 2001.

pela sua propensão para o desenvolvimento de outras novas formas de família. No segundo, estão o Pinhal Litoral e o Baixo Mondego, com presença forte de individualização residencial jovem, e o Grande Porto, ainda que este último numa expressão mais tímida, e num quadro regional (Norte) onde as unidades residenciais de pessoas sós estão sub-representadas, independentemente da idade dos seus elementos. De sublinhar, além disso, o peso relativo bastante menor de pessoas sós de qualquer idade em grande parte das regiões do Norte e Centro, bem como nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, áreas geográficas ainda caracterizadas por modelos mais institucionalizados de família, onde os jovens terão menos espaço de afirmação individual e é maior a proporção de idosos residindo em famílias complexas (Vasconcelos, 2003).

## Conclusão

As unidades domésticas de pessoas sós têm vindo a aumentar significativamente em Portugal, ainda que em proporções aquém das de outros países da União Europeia. Registando nos últimos dez anos um crescimento de quase 50%, passaram de 4,4% para 6,1% no total da população residente.

Estas unidades residenciais são maioritariamente constituídas por pessoas idosas, as quais representam actualmente 51% do total das pessoas sós. No entanto, por comparação com 1991, assistiu-se à redução do peso percentual dos idosos sós. As dinâmicas globais de modernidade que a sociedade portuguesa tem acompanhado, com a adesão a novos valores que privilegiam a autonomia dos indivíduos e proporcionam a opção por novas e variadas formas de organizar a vida privada, levaram a que segmentos mais jovens da população tenham aumentado a sua presença entre os mono-residentes.

Na verdade, nas tendências evolutivas desta forma de residência, destaca-se com particular realce o crescimento significativo das pessoas sós de gerações mais novas, na faixa dos 15 aos 29 anos e dos 30 aos 49 anos. Embora com um peso percentual mais reduzido do que as gerações mais velhas no total dos mono-residentes, são os agrupamentos etários jovens quem no espaço de dez anos viu acrescido o seu peso percentual no conjunto das pessoas sós, ao passo que os de idades acima dos 50 anos sofreram importante diminuição relativa.

Viver só traduz realidades diferentes, reveste-se de significados distintos. Não são os mesmos os processos e as lógicas que presidem à estruturação de uma vida residencialmente autónoma para um indivíduo jovem, um adulto ou um idoso. Enquanto procedimento analítico fez-se a compartimentação da população mono-residente em três grandes segmentos etários, correspondendo, numa aproximação operatória, a categorias sociológicas que se designaram por “jovens sós”, “adultos sós” e “idosos sós”. Pretendeu-se deste modo demarcar realidades diferenciadas nas formas de viver a autonomia residencial, e, tomando por base um conjunto de variáveis fundamentais como a escolaridade, a condição perante a actividade económica e o estado civil, identificar os traços que as distinguem do ponto de vista sociológico. A análise mostrou que em cada uma destas três configurações de mono-residencialidade ainda se podem detectar realidades internas autonomizáveis, delas dando o texto conta com detalhe.

Num nível de maior síntese, destacam-se duas grandes dinâmicas transversais, polarizadas mas coexistentes, que simultaneamente correspondem a dois grandes eixos estruturadores da realidade social e em torno das quais se articulam os percursos biográficos das várias gerações de pessoas sós. Nos seus traços fundamentais, esses eixos contrapõem formas de viver a sós segundo lógicas que decorrem de trajectórias de vida estruturadas em molduras sociais e temporais mais tradicionais, que mais linear ou contingencialmente vieram desembocar na mono-residencialidade, ou segundo lógicas já inscritas num quadro global de modernidade avançada, onde sobretudo a partir de meados do século XX se foram introduzindo mudanças nos valores e nas práticas, reconfigurando relações sociais

e familiares, transformando os aspectos íntimos da vida pessoal, valorizando as identidades individuais.

Às primeiras, ou a um primeiro eixo, corresponde uma realidade de pessoas só particularmente vulneráveis, já em fase avançada do seu percurso de vida, apresentando fracos níveis de escolaridade, pouco inseridas profissionalmente no mercado de trabalho, com o estatuto de reformadas ou pensionistas. Trata-se de uma população só e idosa basicamente constituída por mulheres viúvas, sendo os processos de isolamento residencial aqui identificados decorrentes principalmente do culminar de trajectos de conjugalidade interrompidos pela viuvez em idades relativamente tardias, aos quais se juntam situações residuais de celibato ou divórcio.

No segundo eixo encontra-se uma realidade que corresponde a mono-residentes em idades jovens, tendo em geral adquirido escolaridades elevadas (nas quais as raparigas se destacam particularmente), inscritos fortemente na vida profissional e nela muito apostados, basicamente solteiros, embora alguns vão experimentando a conjugalidade formal ou informal, com ou sem co-residência, numa perspectiva que pode ser não duradoura e termina em divórcio ou separação.

Tal como em muitos outros aspectos, também a respeito das pessoas só a contemporaneidade comporta várias realidades, onde se inscrevem dinâmicas com enraizamento em diferentes compassos históricos.

### Referências bibliográficas

- Aboim, Sofia (2003), "Evolução das estruturas domésticas", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 13-30.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk Society: Towards a New Modernity*, Londres, Sage Publications.
- Brannen, Julia, Suzan Lewis, Ann Nilsen, e Janet Smithson (orgs.) (2002), *Young Europeans, Work and Family: Futures in Transition*, Londres, Routledge.
- Casal, Joaquim (1997), "Modos emergentes de transición a la vida adulta en el umbral del siglo XXI: aproximación sucesiva, precaridad y desestructuración", em José Machado Pais e Lynne Chrisholm (orgs.), *Jovens em Mudança*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Cavalli, Alessandro, e Olivier Galland (1995), *Youth in Europe*, Londres, Pinter.
- Cavalli, Alessandro (1997), "The delayed entry into adulthood: is it good or bad for society?", em José Machado Pais e Lynne Chrisholm (orgs.), *Jovens em Mudança*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Eurostat (2002a), *Labour Force Survey*, Luxemburgo, Office for Official Publications of the European Communities.
- Eurostat (2002b), *The Life of Women and Men in Europe: A Statistical Portrait*, Luxemburgo, Office for Official Publications of the European Communities.
- Galland, Olivier (1995), "Youth in France: a new age in life", em Alessandro Cavalli e Olivier Galland, *Youth in Europe*, Londres, Pinter.

- Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000), *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença.
- Guerreiro, Maria das Dores, e Pedro Abrantes (2003), *Transições Incertas: Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, CIES.
- Instituto Nacional de Estatística (2002), *Censos 2001. Resultados definitivos: XIV recenseamento geral da população; IV recenseamento geral da habitação*, Lisboa, INE.
- Kaufmann, Jean-Claude (2000), *A Mulher Só e o Príncipe Encantado*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Pais, José Machado, e Lynne Chrisholm (orgs.) (1997), *Jovens em Mudança*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Roquero, Esperanza (1997), "Efectos de la movilidad laboral en el rito de passage hacia el estado adulto: el caso español", em José Machado Pais e Lynne Chrisholm (orgs.), *Jovens em Mudança*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Rosa, Maria João, e Cláudia Vieira (2003), *A População Portuguesa no Século XX*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Roussel, Louis (1976), *La Famille Après le Mariage des Enfants*, Paris, PUF.
- Saraceno, Chiara (2003), *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Segalen, Martine (1999), *Sociologia da Família*, Lisboa, Terramar.
- Levin, Irene, e Jan Trost (1999), "Living apart together", *Community, Work and Family*, 2 (3), Dezembro.
- Vasconcelos, Pedro (1998), "Conjugalidades e sexualidades", em Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (orgs.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora.
- Vasconcelos, Pedro (2003), "Famílias complexas: tendências de evolução", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 83-96.

Maria das Dores Guerreiro. Professora do Departamento de Sociologia do ISCTE, investigadora do CIES. E-mail: maria.guerreiro@iscte.pt

